

**CONHECIMENTOS E SABERES DISCENTES:
o protagonismo juvenil em movimento**

Conselho Editorial
Série Letra Capital Acadêmica

Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)
Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)
Claudio Cezar Henriques (UERJ)
João Medeiros Filho (UCL)
Leonardo Santana da Silva (UFRJ)
Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)
Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)
Michela Rosa di Candia (UFRJ)
Olavo Luppi Silva (UFABC)
Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)
Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)
Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)
Robert Segal (UFRJ)
Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)
Sandro Ornellas (UFBA)
Sergio Azevedo (UENF)
Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)

Moacir dos Santos da Silva

**CONHECIMENTOS E SABERES DISCENTES:
o protagonismo juvenil em movimento**

LETRCAPITAL

Copyright © Moacir dos Santos da Silva, 2024

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida por meio impresso ou eletrônico,
sem a autorização prévia por escrito da Editora/Autor.*

EDITOR: João Baptista Pinto

CAPA: Ana Clara Souza Meira

PROJETO GRÁFICO/EDITORIAÇÃO: Luiz Guimarães

EDIÇÃO DAS ENTREVISTAS: Ysmael Cassemiro de Carvalho Barbosa

EDIÇÃO DAS IMAGENS: Renata da Silva Terra

REVISÃO: Do autor

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

S581c

Silva, Moacir dos Santos da, 1970- Conhecimentos e saberes discentes: o protagonismo juvenil em movimento / Moacir dos Santos da Silva. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2024.

242 p. ; 23 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5252-033-3

1. Educação. 2. Professores - Formação. 3. Prática de ensino. I. Título.

24-93944

CDD: 370.71

CDU: 37.026



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

16/09/2024 19/09/2024

LETRA CAPITAL EDITORA
Telefone (21) 22153781 / 35532236
www.letracapital.com.br

Dedico mais esta etapa de minha vida a Deus,
a quem devo, simplesmente, tudo.
“O Senhor é o meu Pastor, nada me faltará”
(Salmo 23:1)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, o meu Tudo, Amigo que nunca me abandonou em nenhuma circunstância.

Ao Professor Doutor Sérgio Arruda de Moura, pela forma inteligente de interação, pelo respeito, pela validação das ideias, acolhimento, disponibilidade, direcionamento, companheirismo e carinho, durante todo o processo de organização e elaboração da pesquisa.

À Professora Doutora Eliana Crispim França Luquetti, pela acolhida, apresentação à pesquisa na pós-graduação, motivação e condução dos passos, durante o estudo.

À minha família, pelo cuidado, zelo, amizade, companheirismo e por combinar acerca da minha ausência.

A todos os professores do Doutorado e o coordenador Carlos Henrique, por contribuírem, de forma direta ou indiretamente, com o meu estudo.

Aos professores da Banca de defesa de projeto, de qualificação e de defesa de tese, pelas contínuas contribuições, paciência e direcionamento na elaboração da pesquisa.

Aos amigos de toda a trajetória, no doutorado, e não foram poucos, que me ajudaram na caminhada, segurando-me pela mão, com presença, parceria, disponibilidade, carinho, amor e atenção.

Ao Governo Federal pela bolsa de estudos da CAPES que viabilizou, financeiramente, tranquilidade durante minha formação.

À Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), ao Centro de Ciências do Homem (CCH), ao programa de Pós-graduação em Cognição e Linguagem (PGCL) pela acolhida.

Às diretoras dos colégios macaenses, do Estado e do Município, pela paciência, parceria e companheirismo para que este estudo se concretizasse.

À Secretaria Municipal de Educação de Macaé, em especial Leandra Lopes e Balade Cristina, por abrirem as portas para a pesquisa nas instituições de educação do município de Macaé.

Aos professores Alessandro Pinto de Oliveira, Rachel Rezende de Albuquerque e Rodrigo Romeiro, por abrirem as portas de suas salas de aula e pelo carinho e atenção para que o trabalho se efetivasse.

Aos alunos e professores do Estado e do Município que se dispuseram a colaborar com o trabalho, participando da roda de conversa, preenchendo o questionário e dando entrevista.

Sumário

Prólogo	11
Introdução	15
1. Sociedade, emancipação e outras questões transitórias e de estruturação	21
1.1 Sociedade e conhecimento nas perspectivas de Bauman e Hall	21
1.2 A cultura digital e o seu papel de mediadora do conhecimento	28
1.3 A Sociolinguística e a Emancipação	37
1.4 Quem e como são os cidadãos/sujeitos que aprendem na contemporaneidade?	44
2. Saberes discentes são saberes discursivos	55
2.1 Aprendizagem, saber, conhecimento e escola	55
2.2 O saber e o ensino na sala de aula, na perspectiva freireana	60
2.3 Professores, saberes/sabores e possíveis contribuições	73
2.4 Aprender/desaprender/reaprender com base nas ideias de Leila Ribeiro e das tendências pedagógicas e filosóficas ..	80
3. Currículo – conceitos, normas e procedimentos	91
3.1 Abordagens gerais de ensino, discurso, conhecimento e currículo	91
3.2 As especificidades do currículo e o ensino público	97
3.3 Os Temas Contemporâneos Transversais e a inclusão nos ensinos das disciplinas e para a emancipação	104
3.4 O povo chega à escola	114
3.5 A BNCC e o Novo Ensino Médio: pressupostos e discussões	119
4. Docente, discente e a aprendizagem: as metodologias inovadoras e o letramento	127
4.1 O docente e o discente ao longo da história – procedimentos e aprendizagens	127
4.2 Metodologias de ensino na contemporaneidade: praticidade e eficácia	133

4.3 Escola, experiência e ensino na visão de John Dewey, Paulo Freire e Jorge Larrosa: possíveis conciliações.....	144
4.4 O ser alfabetizado e o letramento em Magda Soares & Cia.	152
5. Os percursos da pesquisa: o desenho metodológico.....	157
5.1 Análise bibliométrica dos conhecimentos discentes com base nas plataformas Google Acadêmico e Scopus.....	157
5.2 Especificidades e delineamentos metodológicos da pesquisa.....	167
5.2.1 <i>Campo de investigação e participantes da pesquisa.....</i>	170
5.2.2 <i>Instrumentos de Coleta de Dados, procedimentos e técnicas da pesquisa.....</i>	172
5.3 A primeira visita: um olhar do interiorano.....	177
5.3.1 <i>Das entrevistas – Colégio Verde.....</i>	180
5.4 A segunda visita: o parecer do aluno no curso integral...	182
5.4.1 <i>Das entrevistas – Colégio Azul.....</i>	184
5.5 As especificidades da terceira visita: a visão do aluno na Formação Geral.....	189
5.5.1 <i>Das entrevistas – Colégio Preto.....</i>	192
5.6 A quarta visita: os pensamentos dos alunos federais num curso técnico.....	196
5.6.1 <i>Das entrevistas – Colégio Vermelho.....</i>	198
6. Entrelaçamento dos saberes: análise de dados.....	203
6.1 Abordagens acerca de família, escola, discurso e cotidiano sob as perspectivas do aluno e de Norman Fairclough.....	203
6.2 A mensuração da pesquisa em gráficos e outros pontos essenciais.....	210
6.3 Individualidades, especificidades e inclusão.....	224
Conclusão.....	229
Epílogo.....	233
Referências.....	237

Prólogo

Situações envolvendo pessoas, condições sociais, culturais e econômicas e os seus respectivos aspectos políticos, partidários ou não, me acompanham sempre, seja em minha casa, no trabalho, nos estudos seja em outras tantas ocasiões pessoais, e a elas sou grato e reconheço que contribuíram muito na construção do ser humano ao qual eu me tornei e venho, ainda hoje, sendo transformado em muitos aspectos.

Eu quero iniciar este trabalho de tese de doutoramento com uma forte lembrança que eu faço questão de colocar aqui sobre a minha composição familiar. O meu pai era tratorista e a minha mãe, além dos serviços domésticos, ajudava no, enfrentamento das despesas mensais, plantando feijão, abóbora, milho, entre outros, como meeira e sempre nos levava juntos, eu e minhas três irmãs, óbvio, depois da escola.

E assim, nunca nos faltou alimento, afeto e solidariedade na mesa. Mas o motivo de começar por aqui é para também falar do companheirismo, da organização e combinação a respeito do nosso futuro (filhos) que faziam parte do planejamento de meus pais.

Talvez eles não soubessem, com tanta clareza, onde queriam/podiam chegar, pela humildade, espaço físico em que residiam e pela pouca instrução, mas tinham certeza de com que (quem) poderiam contar. E não renunciavam à escola nesse contexto. Eles nos queriam leitores, bem formados e com um futuro melhor que o deles, era o que sempre falavam.

E assim, crescemos priorizando isso, cheios de esperanças e com enormes expectativas acerca desse espaço, ao qual devo tudo. Foi por meio dele também que consegui enxergar o outro com mais exatidão e entender melhor acerca da expressão dignidade humana.

Antes de prosseguir, lembrei da fala, linda demais, a meu ver, de um amigo, numa ocasião em que conversávamos, em trio (eu, Roger Massena e Elian Leite Azevedo) sobre educação dos filhos. Eu extremamente preocupado com uma escola adequada para indicar aos filhos deles e Elian me faz a seguinte colocação: Eu tenho preocupação com o conhecimento e os saberes para os meus filhos,

mas eu prefiro muito que eles sejam “boas pessoas”, porque assim eles conseguirão mais êxito na vida, serão mais felizes e farão outras pessoas felizes, enxergando-as e interagindo respeitosa-mente com elas.

O fato é que hoje vejo razão no discurso do Elian e no planejamento de meus pais. Mesmo tendo ficado órfãos de pai bem cedo, eu e minhas irmãs, quando tínhamos, pela ordem decrescente, 15, 8, 6 e 4 anos; a minha mãe deu continuidade ao planejamento que tinha com seu parceiro/amigo/marido e todos fomos formados com o ensino superior e conseguimos passar em concursos públicos e vivemos com dignidade a partir da crença e do investimento de nossos pais.

No entanto, melhor do que isso, somos boas pessoas, com valores, acredito que bem acordados e tentando repetir a história de nossos pais, na criação dos nossos filhos, em relação à família, à sociedade, à responsabilidade, ao respeito, à interação e ao acolhimento.

E como na letra da composição feita por Antônio Belchior e cantada por Elis Regina, “apesar de termos feito tudo o que fizemos, ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais”. Parece que em meio a tantas inovações e descobertas sofisticadas e fundamentais para um novo tempo, ainda se vivem reféns de posturas respeitadas, de valores que não se esvaziam, pelo contrário, urgem, a cada dia, como extremamente necessários para a manutenção da espécie, para uma vida em equilíbrio.

E assim construí a minha trajetória acadêmica sempre preocupado com as extremidades, ou seja, entre quem tudo podia e tinha e quem nada possuía, existia uma lacuna que poderia ser preenchida de maneira mais coerente e consistente e sempre quando podia, transitava nesse espaço, por vezes apenas observando, outrora atuando discretamente ou ainda de maneira incisiva, indispondo-me, argumentando.

A verdade é que os bons exemplos sempre me arrastaram. Eu não conseguia ficar indiferente diante deles e a aptidão natural de primeiro ouvir e observar para depois falar e argumentar, ajudaram-me muito no contexto. E assim, desde menino, pude perceber que as portas estariam sempre bem fechadas para mim (preto, pobre, do interior) e eu precisaria muitas vezes ser parceiro de pessoas

que não tinham muitos recursos econômicos e instrucionais e com elas lutar por novos rumos, liberdade e dignidade.

E voltando um pouco à família base, a minha mãe seguiu vida afora, solitária, feito um bêbado no deserto, entre uma linha de cana e outra, capinando ou cortando cana e acreditando em Deus e na escola como parceiros na criação e na educação de seus filhos. E, desse jeito, construiu a nossa história, optando por cuidar dos filhos acima de tudo: amparando, protegendo, educando, amando e orientando sempre.

Ela, com uma sabedoria peculiar, não se fartava em acreditar na mediação positiva da escola na vida dos seus filhos e não media esforços para que isso se efetivasse. Eu me lembro de dois episódios, dentre muitos, que relatarei aqui para endossar a afirmação.

O primeiro é que era muito comum meninos a partir dos nove/dez anos, no interior, irem para a roça trabalhar para ajudarem nas despesas da casa. E, no meu caso, pela perda do meu pai, num ambiente de apenas mulheres (era eu, minha mãe e mais três irmãs), a situação era mais significativa ainda. Enfim, organizo esse cenário para falar que certo dia, em uma conversa com os colegas de trabalho, a minha mãe foi questionada sobre o assunto, ou seja, o meu ingresso no trabalho de boia-fria junto com ela, quando eu tinha 10 anos. E ela respondeu que queria um futuro diferente para mim e minhas irmãs e que iria lutar por isso.

E isso me fez muito bem, o que não me eximiu de vender geladinho nas ruas e nos eventos onde morava, a partir dos 10 anos e mesmo de ir para a roça, nas férias de meados e de finais dos anos, principalmente com a finalidade de auxiliar no pagamento da passagem do ônibus, que me conduzia de onde morava (no interior) até a escola (no município mais próximo).

Fato é que negociamos isso muito bem e ficou bom, no ponto para a nossa família, que era regida pelo diálogo, mas tinha um maestro atento (a nossa mãe, Elza) que sabia conduzir e direcionar bem os passos dos seus integrantes, com poucas palavras, mas com muitos exemplos e determinação.

O segundo episódio ocorreu com a minha irmã do meio, feito eu, já que éramos quatro filhos; no primeiro ano do ensino fundamental, antiga quinta série, hoje sexto ano, ela, depois de uma reprovação e da continuidade de notas vermelhas, no ano seguinte, ao longo dos seus

12 anos, tomou uma decisão e a relatou para a mãe, numa tarde, após a chegada dela do trabalho: “Eu não quero mais estudar!”.

Eu lembro que a minha mãe conversou com ela, tentando persuadir, mas por pouco tempo, com raríssimas palavras, e a minha irmã irredutível não mudou de ideia, até que mãe faz a seguinte proposição: “Então, minha filha, isso é o pouco que eu posso lhe oferecer, mas entendo sua posição. Eu vou arrumar o seu material e amanhã, de manhã, vamos nós duas para o trabalho”. A minha irmã silenciou...

Lembro que nesse dia ela até foi dormir mais cedo; no entanto, no dia seguinte, levantou-se mais cedo também, correu até a cozinha, onde minha mãe já preparava os materiais (as ferramentas e os alimentos) e disse a minha mãe que as suas coisas já estavam arrumadas... para a escola.

E dona Elza olhou firme para ela e fez a seguinte advertência: “Da próxima vez não haverá mais negociação!”. E a minha irmã baixou a cabeça e foi se organizar para a escola. Resultado dessa situação em específico: Não houve mais reprovação no percurso escolar de minha irmã e ela passou a visualizar o ambiente educacional de outra forma.

Escrevo isso porque quero falar de sabedoria e conhecimento, e conheço poucas pessoas mais sábias do que a minha mãe, que mesmo mal escrevendo o seu nome (precisando “treinar” para assinar nas ocasiões de eleição) e sem a figura paterna, ensinou (conduziu) os seus filhos a serem letrados e bem formados, academicamente, preparados com valores, (que talvez ela nem soubesse os nomes de alguns direito, por sua simplicidade, humildade e pouco estudo sistematizado), mas os aplicava e nós lhe obedecíamos, como ainda o fazemos como componentes da orquestra que ela ainda rege hoje, de forma diferenciada, por estar acometida com a doença de Alzheimer.

Introdução

A pesquisa de doutorado, em questão, segue o fluxo da de Amestrado, concluída no ano de 2018, na Universidade Católica de Petrópolis (UCP), intitulada *Saber docente e prática pedagógica: a relação entre a linguística e o ensino da língua portuguesa*. Nela se discutiu os saberes docentes, práticas pedagógicas e o ensino da Língua Portuguesa e, para isso, autores como Maurice Tardif, Luiz Carlos Travaglia, Luiz Antônio Marcuschi e Irandé Antunes, dentre outros, fizeram parte da fundamentação teórica. Professores de Língua Portuguesa do município de Macaé (das redes estadual e municipal) foram entrevistados e ainda houve a aplicação de um questionário, para entender a prática cotidiana dos profissionais.

Tomando-se como referência essa pesquisa; no doutorado, o enfoque é o aluno e assim os conhecimentos e saberes discentes foram priorizados, acrescidos de culturas digitais e seus entrelaçamentos. Há também a demarcação de um ano, o 3^a do Ensino Médio, com a finalidade de fazer-se uma delimitação no transcurso do estudo e por conta de representar um percurso maior no ambiente escolar.

Autores como Paulo Freire, Maurice Tardif, José Moran e Magda Soares, dentre outros, são os norteadores do trabalho e, para se perceber aspectos significativos no panorama, uma conversa com parte desses alunos de espaços diferenciados, nos municípios de Macaé, Conceição de Macabu e Quissamã foi definida como fundamental. Dessa forma, utilizou-se mesa redonda (conversa informal com os discentes), aplicação de questionário e entrevista como instrumentos para coleta de informações.

O **referencial teórico** utilizado na pesquisa, principalmente nas ações metodológicas e na análise dos dados foi respaldado nas literaturas de autores que enfatizam a importância do estudo qualitativo: Lüdke e André (2017) pelo zelo com os achados da pesquisa, “desvelando mensagens implícitas, dimensões contraditórias e temas sistematicamente ‘silenciados’ (2017, p. 56-57)”, Gil (2002) pela organização de um roteiro com ações bem delineadas para o estudo